

PSICOBIOGRAFIA E AUTOETNOGRAFIA COMO EXPERIENCIAS EM PESQUISAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

PSYCHOBIOGRAPHY AND AUTOETHNOGRAPHY AS EXPERIENCES IN (AUTO)BIOGRAPHIC NARRATIVE RESEARCH

PSICOBIOGRAFÍA Y AUTOETNOGRAFÍA COMO EXPERIENCIAS EN LA INVESTIGACIÓN NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

Carmen Érica Lima de Campos Gonçalves*
Amarildo Menezes Gonzaga**

RESUMO

A Psicobiografia assim como a Autoetnografia são modos em Pesquisa (Auto)biográfica não disseminados no Brasil, apesar do seu potencial de investigar transdisciplinarmente. Objetivo apresentá-las teoricamente por meio de minha experiência com elas na pós-graduação; através de: 1) explanar a teoria por uma breve síntese; 2) apresentar seus usos pelas pesquisas realizada e em andamento; 3) expor suas potencialidades na interface Ensino-Educação; por uma perspectiva qualitativa empírico-fenomenológica. Na primeira, trabalhei com a psicologia junguiana triangulada à expressão das emoções pelo comportamento não-verbal a partir de Darwin. Na segunda, narro autoetnograficamente minhas formações como professora na graduação e pós-graduação, onde assumo o olhar de Ingold da antropologia e/como educação onde aprendemos intergeracionalmente em um ecossistema sócio-natural sistêmico. Os achados evidenciam que a pesquisa (auto)biográfica pode angariar maior riqueza epistêmica quando desenvolvida por esses métodos, inclusive proporcionando construção de produtos educacionais na formação de professores.

Palavras-chave: Antropologia. Neurofisiologia. Psicologia. Etiologia. Formação de Professores.

ABSTRACT

Psychobiography as well as Autoethnography are modes of (Auto)biographical Research not disseminated in Brazil, despite their potential to investigate transdisciplinary. The objective is to present them theoretically through mine experiences with them as undergraduate and graduate degrees; through: 1) To explain the both theory through a brief synthesis; 2) To present their uses by my research finished and in progress; 3) To expose their potential in the Teaching-Education interface; as from an empirical-phenomenological qualitative perspective. The first one, I developed by Jung's psychology triangulated front the Darwin's expression of emotions through non-verbal behavior. In the second one, I autoethnograph my training as a teacher on Academia, where I take Ingold's outlook of anthropology and/as education, where we learn intergenerationally in a systemic socio-natural ecosystem. The findings

* Doutoranda em Ensino Tecnológico no Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: 2021100647@ifam.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9885-7720>

** Doutor em Desenvolvimento Curricular (Universidad de Valladolid). Professor Orientador (PPGET) no Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Manaus, AM, Brasil. E-mail: amarildo.gonzaga@ifam.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6082-3370>



show that (auto)biographical research can shore up its epistemic body when developed by these methods, including providing the construction of educational products to teachers training.

Keywords: Anthropology. Neurophysiology. Psychology. Ethology. Teachers Training.

RESUMEN

Tanto la psicobiografía como la autoetnografía son modalidades de investigación (auto)biográfica no difundidas en Brasil, a pesar de su potencial para investigar de forma transdisciplinaria. El objetivo es presentarlos teóricamente a través de mi experiencia con ellos en estudios de posgrado; mediante: 1) explicación de la teoría mediante una breve síntesis; 2) presentar sus usos a través de investigaciones realizadas y en curso; 3) exponer su potencial en la interfaz Enseñanza-Educación; desde una perspectiva cualitativa empírico-fenomenológica. En el primero trabajé con la psicología junguiana triangulada con la expresión de emociones a través de la conducta no verbal basada en Darwin. En el segundo, narro autoetnográficamente mi formación como docente en la graduación y posgrado, donde tomo la visión de Ingold sobre la antropología y como educación donde aprendemos intergeneracionalmente en un ecosistema socionatural sistémico. Los hallazgos muestran que la investigación (auto)biográfica puede obtener una mayor riqueza epistémica cuando se desarrolla utilizando estos métodos, incluida la construcción de productos educativos en la formación docente.

Palabras clave: Antropología. Neurofisiología. Psicología. Etología. Formación de profesores.

1 INTRODUÇÃO

Ao se pensar em como melhorar o processo escolar, aprendizagens e outros processos no ambiente educacional e de formação, são conhecidos vários movimentos que se ocuparam com objetos específicos de problematização.

Atualmente, estamos preponderantemente ocupados de olhar para o indivíduo professor (MARCELO, 2009) por reconhecer que suas experiências e experiências são arcabouço formativo e merecedores de investigação (TARDIF; RAYMOND, 2000).

Dentro desse território investigativo, tendências pedagógicas são elaboradas como métodos de partida para olhar a prática docente e as influências e confluências de sua formação, de sua reelaboração profissional e por conseguinte, sua atuação (GHEDIN, 2009).

Em meu caso, minha ontologia me levou a reconhecer e abraçar esse processo através da tendência Professor-Pesquisador de Lawrence Stenhouse (2003) que olha a prática e sua ressignificação como uma ocorrência que deve ser tomada como objeto para investigar os processos formativos de professores, por eles mesmos, dentro do seu próprio ambiente de formação e atuação.

Ancoram-se nas bases epistêmicas que lhes respondem, sendo as de sua familiaridade ou, outra que os docentes buscam como forma para compreenderem as afetações e afetamentos de sua prática e se reelaborarem em processo cílicos espirais-consequentes, ou seja, partem da percepção reflexiva da experiência, orientada por teorias (LARROSA BONDÍA, 2002), onde a tendência passa a ser a do professor pesquisador crítico reflexivo (GHEDIN, 2009).

Assim, a forma como apresento as bases da Psicobiografia e Autoetnografia, abaixo, é orientada por essa contextualização e visão de mundo pautada no olhar da relação entre as inter e intrasubjetividades dentro do ambiente de formação de professores, com características intrínsecas, apesar das diferenças contextuais, pois trata-se de uma cultura assentada há mais de cinco décadas (BAZZO, 2017).

Cujas dimensões e produções desse meio, espelham as relações ali oriundas e as reações que potencializam, ali pertinentes e daí derivadas para o chão da escola, cabendo-nos destacar que essas características podem e devem ser ressignificadas na (aprendizagem da) docência.

Esse texto foi ampliado de apresentação em uma Mesa Redonda transcorrida em um evento da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, para este artigo (não consta nada de seu conteúdo em Anais de Evento).

Sendo composto por seções que trazem: A Psicobiografia e como trabalhei por ela na pesquisa de mestrado profissional; a Autoetnografia e como ela sustenta a investigação de doutoramento em andamento; e daí para as considerações finais.

Utilizo a narrativa textual para levar a cabo esse empreendimento, onde destaco que trabalho na perspectiva investigativa empírico-fenomenológica ao modo de Jung (1978, p.08): “Creio, de fato, que não há experiência possível sem uma consideração reflexiva, porque a ‘experiência’ constitui um processo de assimilação, sem o qual não há compreensão alguma.”.

Na intencionalidade pedagógica de contribuir – dentro da interface Ensino-Educação – com os trabalhos de ordem da (Auto)Biografia, expandindo as possibilidades de trabalhar com a Pesquisa Narrativa, pela emersão advinda de minhas experiências, durante meus ciclos formativos de professora.



Importa ressaltar que as pesquisas que fornecem material para este breve compilado teórico, foram subsidiadas por bolsa de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas (FAPEAM).

2 PSICOBIOGRAFIA

A Psicobiografia não é uma área explorada e muito menos, conhecida, no Brasil, sendo, portanto, uma metodologia que se revela promissora para o desenvolvimento de pesquisas utilizando-a, constituindo por isso, a possibilidade de inovação do conhecimento nos campos das Ciências Humanas e Sociais (CHS).

Com possibilidade de não ser intrusiva, pois pode se debruçar sobre materiais biográficos já publicados; também não se constitui como uma terapia, mas como uma leitura sobre as subjetividades.

Isso dito, temos que buscar fontes fora do Brasil, majoritariamente; o que vale destacar que, quando a utilizei, não sabia que ela já existia estabelecidamente e, só fui encontrar autores que se debruçam especificamente sobre ela após publicar Gonçalves (2020a; 2020b) e Gonçalves e Gonzaga (2020).

Apesar de haver vários autores a fazer psicobiografias (inclusive, famosas), em termos de material epistêmico, indico a leitura de Joseph G. Ponterotto ([Fordham University](#) em Nova Iorque), que possui amplo material publicado, para teoria, ética, metodologia e também, pesquisas conclusas que sustentam essa abordagem; motivo que me faz optar por embasar nele, essa apresentação.

Psicobiografia é um estudo intenso de um período da vida de um indivíduo de importância histórica em um contexto sócio-cultural usando métodos de pesquisa e interpretação para analisá-lo psicológica e historiograficamente, a partir de teorias psicológicas estabelecidas (PONTEROTTO, 2015, p.379).

Cujo trabalho mais recente, no tempo presente identificado, é o que Freud realizou sobre Leonardo da Vinci; e sua ascensão nos últimos tempos se beneficia da valorização dos estudos qualitativos para compreender os processos psíquicos que atuam sobre as ações e comportamentos humanos, sendo ainda acessíveis para compreensão pelo público leigo.

No entanto, o rastreamento desse gênero de estudo por Ponterotto (2015) registra que as investigações sobre biografias e hagiografias remontam aos anos iniciais da era cristã, sendo reconhecidos pela Associação Psiquiátrica Americana, desde 1976, o trabalho de Plutarco sobre Aristides e Temístocles, e de caráter realmente psicobiográfico sobre a vida de artistas, Vasari no século XVI.

Um intenso foco no indivíduo como unidade de estudo é evidente na tradição hermenêutica de Dilthey (1883/1989) e no conceito de Levensphilosophie, com foco nos estudos da singularidade da vida psíquica individual. Para Dilthey, biografias de figuras influentes através dos tempos, e em perspectiva sócio-cultural, são blocos naturais de construção da história (Rickman, 1976). Biografia, no entanto, é uma janela para temas transcedentes no desenvolvimento da personalidade humana (Ponterotto, 2015, p.379, tradução minha).

Reconhecida essa origem, é possível distinguir cinco períodos na evolução da psicobiografia (PONTEROTTO, 2015):

- 1) Hagiografia e biografias do século XIX: hagiografia prática, hagiografia crítica, biografia prévia e psicobiografia;
- 2) Freud e psicanálise aplicada: análise freudiana das personalidades históricas mortas;
- 3) Extensões Psicodinâmicas e Personologia: perfis políticos, extensões psicodinâmicas, personologia;
- 4) Modelos Multi-teóricos Modernos: múltiplas abordagens teóricas;
- 5) Psicobiografia como ciência interdisciplinar: que engloba trabalhos que utilizam diversas teorias psicológicas validadas, sob rigoroso método de pesquisa historiográfico e aprimorada vigilância ética.

A primeira fase contribuiu revelando a importância histórica e científica de focar no indivíduo humano como unidade de análise, além de destacar o valor para a compreensão do humano quando utilizamos perspectivas transdisciplinares.

Como trazer para a análise a filosofia, história, religião, economia, sociologia; além desse período ter conectado a pesquisa historiográfica aos estudos de personalidade em contextos sócio-histórico-culturais (PONTEROTTO, 2015).



A segunda fase é a que ligou a teoria psicanalítica aos estudos biográficos, quando Freud aplicou sua psicologia para compreender Da Vinci, inaugurando uma era de estímulo para estudos dessa natureza.

Apesar que ainda apresentava problemas típicos a qualquer novato, quanto à interpretação adequada dos dados e o cuidado em não projetar a si mesmo na leitura do outro, além do uso de teorias já consistentes para subsidiar a análise, relata Ponterotto (2015).

A terceira fase foi marcada pelo espraiamento das exigências positivistas sobre a psicobiografia, esquecendo a observação sobre o ser humano integral, para separá-lo em aspectos unitários, como somente medidas cognitivas ou atitudes ou sentimentos ou comportamentos, ou seja, uma compartimentação nomotética, experimental, de grandes amostragens, pretendendo dados generalizáveis para mensurar aspectos específicos.

O que só teve uma guinada para o qualitativo a partir dos efeitos socioculturais da 2ª. Grande Guerra, com a Escola de Psicobiografia de Harvard que adicionou – entre outras coisas – a análise de documentos em primeira pessoa e, estratégias idiográficas sobre narrativas individuais.

Enquanto os quantitativos apostaram que podiam proceder medidas projetivas de avaliação psicológica, assim como testes a partir do que esses pesquisadores imaginavam que o sujeito da investigação responderia, caso esse já estivesse falecido (PONTEROTTO, 2015).

A quarta fase, conta Ponterotto (2015), foi marcada pela entrada de abordagens diferentes da teoria freudiana e com ela relacionadas, pois foi compreendido que trabalhar sob uma única perspectiva epistêmica era muito limitante frente a toda diversidade de compreensão do humano.

Nesse movimento, destaca-se a psicobiografia de George W. Bush por Dan McAdams (que ajudou a popularizar o método) que utilizou - em 2011 - três teorias (do roteiro, do apego e dos 5 fatores) em conjunto para entender a decisão sobre a invasão militar do Iraque no ano de 2003. Outras utilizaram seus resultados para integrar/provar aspectos de teorias já estabelecidas ou ainda, explicar eventos significantes na vida dos sujeitos estudados.

A quinta fase é permeada pelo estabelecimento da psicobiografia como uma ciência para estudo do indivíduo, com a exigência de métodos de pesquisa mais rigorosos e aplicação de teorias apoiadas cientificamente para ancorar a análise psicobiográfica.

Com aplicações empíricas dos dados, como validação e testagem de teorias psicológicas, além do uso de mais abordagens historiográficas, juntamente com as considerações sobre o cuidado ético no planejamento e na execução.

Além de aumentar a divulgação desses estudos, com o cuidado sobre não impor os achados como um laudo dos aspectos psicológicos do sujeito pesquisado, principalmente se morto, uma luta em que o próprio Ponterotto (2015) tem se empenhado; um exemplo disso é seu estudo sobre John F. Kennedy Jr. (PONTEROTTO, 2014b).

A distinção entre uma biografia e uma psicobiografia é que, apesar de ambas se empenharem sobre a compreensão da vida, sob intenso estudo da história de vida, os primeiros (biógrafos) focam com frequência, nos indivíduos históricos que tomam a imaginação do público, como atração para o estudo da personalidade.

Porém, esses estudos apesar de altamente descritivos, excluem uma compreensão profunda dos motores internos que motivam e influenciam pensamentos e comportamentos.

Ou seja: os psicobiógrafos, abraçam as ferramentas da pesquisa historiográfica e escrita vívida (que conhecemos como pesquisa narrativa), adicionando camadas do conhecimento psicológico aos perfis analisados (PONTEROTTO, 2015).

O essencial para quem quer investir nessa abordagem é o conhecimento interdisciplinar como recurso, além da profundidade teórica no referencial psicológico percebido como provedor para análise de determinado sujeito.

Tais como os estudos historiográficos, de linguagem, sociologia, ética, biográficos, idiográficos, além da psicologia (PONTEROTTO, 2015); ao que acrescento: um olhar transdisciplinar para compreender o indivíduo integralmente, em lugar de apenas faces dele dentro de cada campo separadamente.

Os benefícios do ensino da psicobiografia são apontados por Ponterotto (2017b) como:

- a) o vínculo com a identidade;
- b) a ontologia no contexto profissional;
- c) o pensamento transteórico com amplitude de estratégias metodológicas;
- d) o desenvolvimento da percepção ética e
- e) habilidade em trabalhar com outros seres humanos.

Nos estudos das CHS de forma geral,



- f) pela promoção do pluralismo e
- g) defesa da diversidade com
- h) a perspectiva multiculturalística de cunho social, além
- i) da multicompetência nas diversas inteligências.

Sendo potencialmente autoformativa na dimensão pessoal e profissional (Ponterotto, 2017a).

No entanto, cuidados devem ser observados para não cair no reducionismo, nos limites de utilizar uma única corrente epistêmica para análise, além de olhar a compreensão dos sujeitos históricos dentro do seu contexto de tempo e espaço.

Ainda devem ser primadas no delineamento da pesquisa a flexibilidade, a especificação do quadro paradigmático empregado, uso da triangulação para dados e análise, descrição densa (para interpretação densa e sentido denso) (PONTEROTTO; GRIEGER, 2007).

Observação da conexão entre os fatos e evidências, digressão de possibilidades elucidativas, além da observação e respeito às diretrizes éticas e capacidade de tomada de decisões éticas no processo investigativo, ações compromissadas com o respeito às relações ali visitadas (PONTEROTTO, 2014a).

Zelo pela ausência de contratransferência ou julgamento ao relacionar-se com o sujeito da pesquisa (PONTEROTTO; MONCAYO, 2018); ao que indico esse método para pesquisadores com olhar ampliado sobre perspectivas epistêmico-metodológicas, além de amplo repertório cultural e capacidade de estranhamento, para evitar projeções e descontextualizações, ao que os estudos antropológicos clarificam.

Quando trabalhei o estudo sobre a professora-pesquisadora amazônica, Ierecê Barbosa, em Gonçalves (2020b), utilizando a Psicologia Junguiana, verifiquei a integralização do Self no decorrer da vida, com ocorrências evidentes de função transcendente operante sobre a relação dos complexos Anima e Animus no decorrer de suas memórias, projetadas em uma personagem literária criada pela sujeito da pesquisa.

Por onde foi evidenciado como esse processo articulou a Educação pelo Exemplo e, a divulgação científica do método auxiliou a percepção da necessidade do autoconhecimento e maturação/ressignificação de conteúdos ontológicos nos participantes da pesquisa, para melhorar suas ações docentes.

Ali, trabalhei a partir de dados não intrusivos, públicos e comparados com declarações da sujeito da pesquisa, quando ainda estava viva, para sustentar as possibilidades do eu-lírico e do si-mesmo.

Triangulei os achados com a Expressão das Emoções teorizada por Charles Darwin e ampliada no último século por Paul Ekman, além de apoiar a esses com as descobertas atuais da neuroquímica e seus circuitos fisiológicos de feedback nos diversos sistemas orgânicos como muscular, cardíaco, endócrino, digestório, nervoso central autônomo.

Do total das amostras (58 participantes na aplicação do produto educacional derivado da pesquisa de mestrado), apenas 1 participante divergiu entre o registro (analisado pela Hermenêutica Estrutural) e as emoções expressas no comportamento não-verbal (etológico), no entanto sua história de vida me era conhecida e silenciei sobre a dissimulação, em respeito à pessoa.

Afinal, como costuma alertar Ekman, uma coisa é sabermos ler as emoções das pessoas pelos reflexos fisiológicos que o corpo expressa (ações de microssegundos a segundos, com início, pico e encerramento de forma cadenciada, gerenciados pelo sistema nervoso autônomo, que partem da hipófise como centro emocional no cérebro, antes que o córtex pré-frontal analise racionalmente) e, outra coisa é expormos as pessoas.

Os demais participantes evidenciaram congruência entre falas, registros e expressão etológica, com sinais da presença exacerbada ou de Animus ou de Anima (o que é esperado conforme teorizou Jung), poucos com indícios de Processo de Individuação e alguns com Função Transcendente evidenciada a partir da reflexão proporcionada pelo conteúdo do produto educacional (PE).

Sendo destaque a presença da Educação pelo Exemplo expressa na psicobiografia da sujeito da pesquisa, levando os participantes (professores e professoras) a ressignificarem o sentido emocional presente na representação simbólica que é projetada pelos alunos, neles.

Levando-os a refletirem sobre si em como a dimensão pessoal está presente na dimensão profissional, sendo necessário manter um movimento de conscientização dos conteúdos subjetivos para que suas práticas docentes possuam um significado pessoal de realização.



3 AUTOETNOGRAFIA

A história do surgimento da autoetnografia ou (auto)etnografia, precede a ocorrência do termo, pois em essência, diz Moser (2019), que ela já fora aplicada por etnógrafos na década de 60, como em *Tristes tropiques*, de Lévi-Strauss ou, *Return to Laughter*, de Bowen.

Operando nas zonas de contato entre estratos de uma hierarquia social que possui capilaridade de poder, que passa a ser descrita por alguém que pertence a essa cultura, mas que também se põe em estranhamento ao relatá-la.

Nessa perspectiva, Montaigne já a utilizara em “Ensaios”, assim como Rousseau em “Confissões”, ou ainda Sartre em “As Palavras”, pois partem de uma auto-alienação introspectiva, não linear, não teleológica, mas de reconstrução de uma história de formação e seus potenciais desdobramentos, através do vínculo entre quem narra e seu contexto.

Através de sucessivas familiarizações e desfamiliarizações para produção desse conhecimento advindo da experiência desse informante etnográfico que é o narrador, que (se) (auto)questiona quanto às identidades naquele grupo (MOSER, 2019).

Dessa forma, o outro entra como um espelho de realidade para o (re)(auto)conhecimento que localiza e define o contexto e sua cultura, em uma prática empírica que questiona o estabelecido que chancela relativismos e hierarquias baseadas em tradições que podem ser abraçadas ou reconsideradas.

Podendo ser retrospectiva a partir das memórias e, que oferta em uma linguagem próxima e acessível, essa visão para que seus pares reflexionem suas realidades e os limites impostos, oportunizando uma reapropriação (MOSER, 2019).

Sem uma afirmação da “verdade completa”, é uma representação daquele grupo, seus atos, hábitos, fatos, e como seus integrantes se formam em meio a essas marcas e peculiaridades, contratos implícitos, regras e tratamento a “subversões”, assim como produção de resistências, pela óptica subjetiva que foi afetada por aquela cultura.

Assim, a Autoetnografia conversa com a narrativa, a autobiografia, mas também com a etnografia; relacionando aspectos históricos e sistemáticos sob uma reflexão daquele que observa e participa, angariando aspectos literários aos científicos, revelando identidades inhabitadas (MOSER, 2019; REED-DANAHAY, 1997).

Assim, Versiani (2005) apresenta faces da Autoetnografia onde essa pode assumir investigações em diversas faces de um mesmo objeto e com uma multiplicidade de matizes de intencionalidades para produção de conhecimento, discussão de tensões existentes e que se tornam existenciais, articulando experiência e teoria.

Também pela interlocução com outros membros do grupo que passam a se autonarrar no processo, conferindo representatividade, visibilidade, autenticando um Lugar de Fala (MATTOS, 2021); que se diferenciam pela ênfase aplicada no estudo:

- i) o eu,
- ii) a análise,
- iii) o contexto das contribuições,
- iv) as relações de poder,
- v) a reflexão,
- vi) a narrativa,
- vii) as dimensões,
- viii) as interações,
- ix) a comunidade etc. (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011).

Em nosso caso, nos aproximamos da Autoetnografia Reflexiva porque analisamos nossa mudança em função da pesquisa, portanto há um *continuum* que engloba a dimensão pessoal, as relações com os demais membros da comunidade, os “contos confessionais”.

Onde os momentos significantes para o percurso são o foco, direcionados para observar e testemunhar a experiência, identificando aspectos influenciadores na jornada, que validam não só a nossa experiência, mas comungam com o leitor, possibilitando que este encontre meios para viver a própria experiência ou mudar as circunstâncias (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011).

Ellis; Adams e Bochner se debruçam a relatar os aspectos da Autoetnografia enquanto método, seu rigor teórico e analítico apesar da subjetividade, e como esses se imiscuem nos fenômenos e na emersão deles: “[...] o objetivo é produzir textos analíticos e acessíveis que mudem a nós e ao mundo em que vivemos para melhor.” (HOLMAN JONES, 2005, P.764 APUD ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011, p.11).

Através de momentos elegidos como significantes para “decifrar” percursos, em meio



à influência da cultura na pessoa dos dirigentes; de onde o referencial para análise deve dialogar com os leitores para que eles cheguem às próprias considerações sobre a autonarrativa construída, entendendo-a como uma ilustração cultural de (também) suas próprias experiências, que oportuniza compreensão para seus pares e para leigos.

A verdade narrativa se embasa no que a experiência faz, seu uso, a compreensão que gera e a reação que ocasiona; portanto, termos como confiabilidade, validade e generalização devem ser compreendidos dentro do contexto, sua significação e a utilidade presente; ou seja:

- I) a confiabilidade é verificada a partir das evidências factuais, da percepção sobre a experiência, se houve licença literária ou não;
- II) a validade éposta ante a sensação de credibilidade da descrição, coerência narrativa, ela comunica o leitor com o narrador e oferta possibilidades de melhoria;
- III) a generalização se põe a partir do quanto a autonarrativa elucida processos culturais gerais desconhecidos, verificada pela comparação do leitor com o escrito, entre semelhanças e diferenças e o quanto o narrado informa sobre pessoas e vidas desconhecidas (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011).

A ética é um outro aspecto em relevância no método, pois ainda que haja “disfarce” sobre os narradores em diálogo e/ou em ação naquela cultura, ele é identificável por outros imersos no mesmo ambiente.

Inclusive pelos laços interpessoais, mas apesar disso, o anonimato e a privacidade dos participantes são fundamentais mesmo que não haja impessoalidade, o que tece cuidados talvez maiores entre quem pesquisa e os que contribuem com sua investigação.

Pois seu cerne é evidenciar que aquelas autonarrativas dos participantes, importam e são enxergadas como produções de identidades sociais influenciadoras dos atos naquele meio (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011).

A autoetnografia revela a multiplicidade das relações e a complexidade dos contextos que convergem na formação dos indivíduos, seus modos de enxergar e pensar o mundo e os outros; a influência das “autoridades” e suas formas de constituir conhecimentos e suas chancelas ante outras formas de conhecer.

Para tal também se utiliza de outras fontes de pesquisa além das descrições densas, outras produções humanas que não as escritas ou faladas, que ofertam imersão naquela cultura;

explorando o conteúdo e a construção cultural nele presente (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011).

Diz Santos (2017, p.219) que o Método Autoetnográfico “[...] é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa [...]”.

Onde posso recorrer à memória, autobiografia, história de vida, entre outros; pois engloba aquilo que se relaciona comigo e dialoga/afeta minha prática investigativa e, no caso, minha formação daí oriunda.

Onde trabalho sobre o recorte temporal dos anos entre 2012 até a atualidade, no que tange à formação inicial e continuada somente e, o que das outras dimensões de minha vida convergem e contribuem com esse objeto de relato.

A autoetnografia fala das imposições de um contexto cultural sobre um indivíduo, cujo uso do *storytelling* abre ao debate as dinâmicas internas do grupo, as multirrelações posicionais entre narrador e narrativa, como nativo, estrangeiro, subordinado, pontos de vista de outros comunitários e a intervenção direta ou vicária das experiências sobre cada membro da comunidade em tela.

Seus processos e práticas que mantém ou alteram um manual de conduta implícito e próprio que atribui valores aos membros e os posiciona estruturalmente, por especificidades e categorizações (WATSON, 2021).

A percepção do uso da Autoetnografia dentro das investigações no âmbito acadêmico é posta por Ortiz-Vilarelle (2021) para que nos reconheçamos no contexto e proporcionando que tomemos a nós como sujeitos da investigação, pela nossa própria experiência dentro dessa cultura específica.

O que atribui transparência para expor as formas dominantes de pesquisa que invisibilizam aspectos pessoais que não podem ser seccionados da nossa vivência no grupo, mas que são violentadas para o serem extirpadas a fim de um espetáculo que ignora nossa condição humana e necessidade de pertencimento.

A Autoetnografia proporciona que seja exposto como nossa prática é moldada pela tradição de um grupo que se tornou dominante, porém ele está imbuído de nós quando o realizamos, o que nos dá autoria e protagonismo sobre ele; portanto contém o potencial como método para promover as convergências entre a escrita de si e das culturas de escrita nos



diversos campos (ORTIZ-VILARELLE, 2021).

Nesse contexto, outras formas são trazidas para serem trabalhadas com a autoetnografia, como a história de vida, memórias genealógicas, autoteoria cultural, narrativa, pedagogia, arte, entre outros estudos inovadores que problematizam as normas culturais dos grupos e os discursos predominantes.

Sendo um convite aos leitores para pensarem suas experiências, percepções, práticas, motivações, ambivalências no uso de si como sujeito da investigação, a leitura de si como fonte de conhecimento, tecida entre poesia, teoria e narrativa para forjar representações de si (ORTIZ-VILARELLE, 2021).

Dessa forma, trabalho a Autoetnografia no doutoramento (GONÇALVES, 2022) para revelar a autoformação ocorrente durante os processos formativos formais e institucionalizados (graduação e pós-graduação) e como “escolhas” que parecem ser pessoais, na verdade são dirigidas por uma série de fatores que nos atravessam.

Influenciando e afetando nossa visão de mundo e atuação prática, o que diz da manutenção de um sistema e da necessidade de discutirmos o quanto dele precisa ser ressignificado, portanto, penso as alterações subjetivas através da reflexão consciente, com crítica embasada, para dar sentido ao ser e às ações de/do ser em meio a uma exacerbação daquilo que é considerado tecnológico.

A fim de repensar nosso lugar, autoria, protagonismo através do nosso lugar de fala enquanto professora e pesquisadora, assim como daqueles que comungaram comigo, como contribuintes-membros dessa cultura.

Nesse percurso, construímos algumas discussões pertinentes sobre Ensino Tecnológico (GONÇALVES; GONZAGA, 2022b); Autoformação na educação ambiental crítica (GONÇALVES; SILVEIRA, 2022), Contribuições da História da Ciência e da Antropologia para a Educação (GONÇALVES, 2021).

Além do Produto Educacional (GONÇALVES; GONZAGA, 2022a) que, pelo uso da autoetnografia, se construiu como um método para identificação de necessidades de planejamento formativo, para gestores; identificação de fragilidades e lacunas na aprendizagem, para professores; caracterização profunda de participantes de pesquisas humanas e sociais, para pesquisadores.

Como a autoetnografia visa a emersão do que está significante para o grupo que participa da aplicação do PE do doutorado, trabalhei na perspectiva de Grupo Focal, duas amostras (21 participantes ao total), e posteriormente, apliquei sem caráter amostral em outro grupo, encontrando as mesmas questões, mesmo que dirigidas a objetos diferentes.

Enquanto nas duas amostras, composta de professores em formação inicial e continuada, a questão era o ambiente da Academia, como essa cultura oprime e marginaliza, seus níveis de exigência etc., correspondem ao encontrado por Ortiz-Vilarelle (2021) na Europa e que também podem ser vistos em páginas de redes sociais anônimas no Brasil, Estados Unidos e outros grupos menores de outras nacionalidades.

Já na aplicação não-amostral, os professores dos mesmos estratos, indicaram como essa cultura se projeta para o ambiente escolar, especialmente no caso, afetando a Educação Especial como uma das mais fragilizadas por essa capilaridade de poder que invisibiliza e inviabiliza os que não estão com ela afinados.

Todos os achados foram descritos em uma sondagem de público-alvo do produto educacional, formado por 08 escutas, que compuseram uma amostra de voluntários autoidentificados como professores-formadores, que evidenciaram um lugar de fala próprio: aqueles que estão entre o topo da hierarquia e levam para a base, as formações dali emanadas, ainda que não haja uma correspondência desses conteúdos com a realidade do chão da escola.

Nessa sondagem, a descrição densa constava dos ciclos formativos, as instituições participantes e os perfis exigidos, como isso refletia na prática desses docentes, como eles percorreram o caminho profissional até essa posição, o que ouviam de cada lado dessa pirâmide social e como isso os afetava, como aspectos centrais que envolviam outros pormenores de 18 aspectos nessa trajetória, que haviam gerado experiências (vivências submetidas à reflexão), do que esses professores-formadores percebiam:

- a) de si como formadores,
- b) de si como professores,
- c) de sua experiência na temática em que realizam formações,
- d) de sua experiência no lugar daquele que participa de suas formações,
- e) deles exercitando-se na atividade,
- f) deles quando estavam na posição de participantes de outras formações,



- g) do quanto aquelas formações em que foram participantes, os atravessou,
- h) do quanto acham que as formações que ofertam, alcançam os participantes,
- i) a partir do quê eles mensuram esse alcance,
- j) se recebem feedback (devolutiva) dos participantes,
- k) se consideram que essas devolutivas são sinceras,
- l) se verificaram a realidade e o contexto em que os participantes exercem a temática de formação que ofertam,
- m) se experienciaram esse mesmo contexto e realidade,
- n) se conseguem enxergar que a formação que ofertam, sana/minimiza dificuldades daquelas realidades e contextos,
- o) como se sentem após essas reflexões,
- p) se a formação atende ao que é averiguado como necessário com os participantes ou, a diretrizes institucionais/organizacionais,
- q) o que consideram a partir dessa análise;
- r) em suas opiniões, o que percebem – se percebem – ser necessário para que as formações alcancem os participantes.

Pelo PE do doutorado, essas autoetnografias foram além do processo vivência-experienciação, sendo alargado para a reflexão crítica para ação cuja finalidade seja mitigar ou mudar a realidade das queixas.

Esse movimento leva o grupo a se enxergar em seu próprio lugar de fala, o protagonismo que emerge daí pois eles percebem que a estrutura existe porque foi permitido que se mantivessem exercendo essa capilaridade de poder.

O que corresponde aos estudos etnográficos que identificam que os marginalizados em uma sociedade por não condizerem ao que aquela cultura exige que seja o padrão, formam grupos (minorias) que vão agregando força pela união e podem – no decorrer de algum tempo – inverter essas posições de poder.

Aspecto que pode ser verificado nessas aplicações do PE quando os professores em formação mais avançada que parte do grupo, passam a agir com empatia, solidariedade, partilhando suas experiências com os noviços nessa enculturação, de forma que assumem um papel de mentoria para esses, detalhando mecanismos de resistência, de desvio, de

resiliência para não naturalizarem a aculturação que vários assumem para gozarem dos privilégios dos espaços de poder.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, a Psicobiografia e a Autoetnografia são abordagens metodológicas dentro das Pesquisas Narrativas e (Auto)Biográficas, que trabalham articulando uma perspectiva transdisciplinar para apresentar quadros mais complexos, profundos e situados, de estudos baseados em história de vida e pesquisa-formação; além de dialogar com estratégias e instrumentos historiográficos.

De forma sintética, enquanto a psicobiografia se volta à intrasubjetividade, a autoetnografia dialoga essa a outras (inter-subjetividade) dentro de um contexto, onde inevitavelmente a realidade interior influencia o ambiente e este, se impõe (ou tenta) sobre essa essência.

O que nos leva a considerar que todos os atores de um contexto influenciam e são influenciados, atravessam e são atravessados, enquanto os elementos contribuem para atenuar ou agravar esses movimentos, em uma variável intensidade a depender do nível de inserção e do tempo de imersão naquela cultura.

O diferencial entre uns e outros é como as epistemologias dialogam nesses espaços psicológicos, emocionais e físicos, em movimentos não lineares e multitemporais sobre as histórias de vida, gerando encontros que fortalecem perspectivas de resistência, geralmente ocorridas entre aqueles que vivenciaram mobilidade social no decorrer da formação escolarizada até o espaço universitário, ou seja, como tomam a teoria para ler suas biografias e reorientar a História ao dar visibilidade e volume à voz das micro histórias.

Enquanto a psicobiografia coloca um indivíduo na posição do mediador, intérprete e condutor, aquele que “possui” as teorias para ler uma história de vida, que “entrega” sua interpretação para o mundo e seus leitores precisam ter uma capacidade de compreensão mais elaborada, a autoetnografia pode ser mobilizada a partir de um conto confessional que gera encontro nas subjetividades, pela aparência, pelo conteúdo e pela linguagem mais acessível.

Portanto, sendo mais próxima de possibilitar tecnologias sociais (aqueles que podem ser



apreendidas por grupos de minorias para auxiliar suas emancipações), mas é a psicobiografia que pode sustentar uma tecnologia da palavra (ou da concepção: imaterial com características que podem ser descritas em algo que indique materialização), o que distingue os produtos educacionais que podem derivar de pesquisas que as utilizem.

Em meu percurso, a psicobiografia gerou a materialização de um *planner* que vai evidenciando a necessidade de mergulho na construção de uma replicação que pense o contexto em que quer acontecer: fala dos elementos necessários para se chegar à intencionalidade pedagógica prevista.

Já a autoetnografia, aliou-se a outras epistemes para construir um método que é realizado através de uma sequência de ensino, que evoca a autoformação, pelos elementos que a compõem, postos para serem utilizados como averiguados, mas sem que isso signifique repetir achados, pois os resultados serão a emersão do que é no grupo em que for replicado.

Ambos foram investigados em cenário de formação de professores e possuem evidências de serem adaptados e utilizados em cenários de formação profissional, o que não surpreende pois na atualidade, todas as profissões passam pelos espaços da educação formal, não-formal e informal, portanto emitem ressonâncias da Academia.

Os resultados de ambas – Psicobiografia e Autoetnografia – são promissores por articularem quadro multiteórico/multirreferencial, assim desenvolvendo a autoformação de quem pesquisa, em processo multidimensional e, portanto, holístico e de in-formação, potencializando gérmenes para se converterem em (auto)formação contínua.

Ou seja: familiarizam quem investiga para se sensibilizar, empatizar, estranhar, considerar triangularmente, ressignificando sua postura pessoal, científica, cidadã, técnica, tecnológica e profissional.

O que reflete na sua ação pedagógica no mundo, pelo olhar multiposicional como observador participante no fenômeno; de quem mais é exigido intrinsecamente quanto à ética relacional no processo e a reverberação de seus efeitos no entorno social, temporal, (inter)(intra)subjetivo e histórico; além de uma dedicação mais vasta em seu olhar o/para o mundo.

REFERÊNCIAS

BAZZO, W. A. **Ciência, tecnologia e sociedade:** e o contexto da educação tecnológica. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017.

ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. Autoethnography: an overview. **Forum: Qualitative Social Research**, Berlin, v.12, n.1, 2011, 18p. Disponível em: <https://doi.org/10.17169/fqs-12.1.1589>. Acesso em: 12 fev. 2022.

GHEDIN, E. Tendências e dimensões da formação do professor na contemporaneidade. In: CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 4., 2009, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2009. 28 p. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/evandroghedinconferenciaabertura.pdf> . Acesso em: 21 jan. 2022.

GONÇALVES, C. É. L. de C. A História da ciência e a antropologia de Ingold para a educação que aspiramos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO ENSINO, 2. / JORNADA DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E ENSINO, 7., 2021, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: PUC, 2021. p.114-117.

GONÇALVES, C. É. L. de C. A História da ciência e a antropologia de Ingold para a educação que aspiramos. **História da Ciência e Ensino: construindo interfaces**, online, v.25, n.especial, 2022, p.282-304. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/2178-2911.2022v25espp282-304>. Acesso em: 08 jan. 2022.

GONÇALVES, C. É. L. de C. Autoetnografia de uma professora-pesquisadora: investigando a autoformação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AUTOETNOGRAFIA, 2., 2022, online. **Anais** [...]. [S.l.]: UFRJ/UFMG/UFF. 2022. Disponível em: https://1drv.ms/v/s!AtDmdKA_JFgXhu0d8XYaSfKahkmUFw?e=4mucq1 . Acesso em: 21 jan. 2022.

GONÇALVES, C. É. L. de C. **Colóquio como estratégia formativa 2:** versão avançada. Manaus: IFAM, *no prelo*.

GONÇALVES, C. É. L. de C. **Colóquio como estratégia formativa.** Manaus: IFAM, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/423> . Acesso em: 25 mar. 2022.

GONÇALVES, C. É. L. de C. **Um Estudo em Ierecê Barbosa:** as contribuições pedagógicas em “O Leilão”. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Campus Manaus Centro, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/421?mode=full> . Acesso em: 20 mar. 2022.



GONÇALVES, C. É. L. de C.; GONZAGA, A. M. A Biologia do comportamento e a sala de aula. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v.26, e20063, 15 p., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320200063>. Acesso em: 16 abr. 2022.

GONÇALVES, C. É. L. de C.; GONZAGA, A. M. Colóquio como estratégia formativa 2: um novo método? In: CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 13., 2022, Porto Velho. **Anais** [...] Porto Velho: IFRO, 2022, 6 p. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xiiconnepi2022/521333-coloquio-como-estrategia-formativa-2--um-novo-metodo/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

GONÇALVES, C. É. L. de C.; GONZAGA, A. M. Ensino tecnológico em perspectiva e a compreensão antropológica de tecnologia e técnica. **Revista Dynamis**, Blumenau, v.28, n.1, p.209-230, mar. 2022. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/dynamis/article/view/10480>. Acesso em: 16 abr. 2022.

GONÇALVES, C. É. L. de C.; GONZAGA, A. M.; LIMA, A. J. S. (Orgs.). **Contar-se na formação inicial**: narrativas de licenciandos de um instituto federal de educação. Manaus: IFAM, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/503>. Acesso em: 05 jun. 2022.

GONÇALVES, C. É. L. de C.; SILVEIRA, D. P. da. Autoformação de um professor de educação ambiental. In: Seminário de Pós-graduação do IFMS, 2., 2022, Dourados. **Anais** [...] Dourados: IFMS, 2022. 15 p. Disponível em: <http://sistemas.ifms.edu.br/sempog/public/html/anais/2022/pdf/ID05.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

JUNG, C. G. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 1978.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, online, n.19, jan./abr., 2002, p.20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2021.

MARCELO, C. **Desenvolvimento profissional docente**: passado e futuro. Sísifo, Lisboa, n.8, jan./abr., 2009, p.07-22. Disponível em: <http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/130>. Acesso em: 21 jan. 2022.

MATTOS, M. B. O ‘Lugar de fala’ e as ‘falas do lugar’ na enunciação literária: o dilema pós-colonial. **Literatura: teoría, historia, crítica**, Bogotá, v.23. n.1, p.161-184, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15446/lthc.v23n1.90598>. Acesso em: 17 abr. 2022.

MOSER, D. Autoethnography. In: WAGNER-EGELHAAF, M. **Handbook of autobiography/autofiction**. Berlin: De Gruyter, 2019, p.232-240. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110279818-028>. Acesso em: 13 fev. 2022.

ORTIZ-VILARELLE, L. Autoethnography and beyond: colonialism, immigration, embodiment and belonging. **Life Writing**, v.18, n.3, 2021, p.307-314. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14484528.2021.1964920> . Acesso em: 13 fev. 2022.

PONTEROTTO, J. G. A Counsellor's guide to conducting psychobiographical research. **International Journal for the Advancement of Counselling**, v.39, n.3, set. 2017, p.249-263. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10447-017-9295-x> . Acesso em: 22 jan. 2022.

PONTEROTTO, J. G. Best practices in psychobiographical research. **Qualitative Psychology**, Washington, v.1, n.1, fev. 2014, p. 77-90. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/qup0000005> . Acesso em: 22 jan. 2022.

PONTEROTTO, J. G. Integrating psychobiography into professional psychology training: rationale, benefits, and models. **American Psychological Association**, Washington, v. 11, n.4, 2017, p.290-296. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/tep0000176> . Acesso em: 22 jan. 2022.

PONTEROTTO, J. G. John F. Kennedy, Jr. and the torn self: a psychological portrait. **The Journal of Psychohistory**, v.44, n.3, jan. 2017, p.221-241. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316471001_John_F_Kennedy_Jr_and_the_Torn_Self_A_Psychological_Portrait . Acesso em: 22 jan. 2022.

PONTEROTTO, J. G. Psychobiography in psychology: past, and future. **Journal of Psychology in Africa**, Londres, v.25, n.5, 2015, p.379-389. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14330237.2015.1101267> . Acesso em: 22 jan. 2022.

PONTEROTTO, J. G.; GRIEGER, I. Effectively communicating qualitative research. **The Counseling Psychologist**, v. 35, n.3, maio 2007, p.404-430. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0011100006287443> . Acesso em: 22 jan. 2022.

PONTEROTTO, J.G.; MONCAYO, K. A Cautious alliance: the psychobiographer's relationship with her/his subject. **Indo-Pacific Journal of Phenomenology**, v. 18, n.especial, ago., 2018, p. 97-108. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/20797222.2018.1511311> . Acesso em: 22 jan. 2022.

REED-DANAHAY, D. **Auto/Etnography**: rewriting the Self and the social. Oxfordshire: Routledge, 1997.

SANTOS, S. M. A. O Método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v.24, n.1, p.214-241, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2017.113972> . Acesso em: 12 fev. 2022.

STENHOUSE, L. **Investigación y desarrollo del currículum**. 5.ed. Madrid: Ediciones Morata, S. L., 2003.



TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educ. Soc.**, Campinas, ano XXI, n.73, dez. 2000, p.209-244. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-7330200000400013>. Acesso em: 21 jan. 2022.

VERSIANI, D. G. C. B. **Autoetnografia**: conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

WATSON, J. Manthia Diawara's autoethnographic forays in memoir and film from 'counter' to 'strong' to 'beyond'. **Life Writing**, v.18, n.3, 2021, p.317-335. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14484528.2021.1930899>. Acesso em: 13 fev. 2022.

COMO CITAR - ABNT

GONÇALVES, Carmen Érica Lima de Campos; GONZAGA, Amarildo Menezes. Psicobiografia e autoetnografia como experiências em pesquisas narrativas (auto)biográficas. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 14, n. 31, e22008, jan./jul., 2022. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v17.n31.4179>

COMO CITAR - APA

Gonçalves, C. E. L. C. & Gonzaga, A. M. (2024). Psicobiografia e autoetnografia como experiências em pesquisas narrativas (auto)biográficas. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 17(31), e22008. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v17.n31.4179>

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)*. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 07 de abril de 2022.

Aprovado: 13 de maio de 2022.

Publicado: 29 de julho de 2022.